**As CEBs: Espaço de Feminismo Comunitário**

[**Portal das CEBs**](https://portaldascebs.org.br/author/erika/)  [**Por Irmã Eurides Alves de Oliveira**](https://portaldascebs.org.br/autor-colunista/irma-eurides-alves-de-oliveira/)

*Olê Mariê, Olê Mariá/ Mulher tu sai da cozinha /Venha ocupar o teu lugar.*Começo esta reflexão com o refrão deste canto popular, cantado nos movimentos de mulheres e nas CEBs espalhadas pelo País há décadas. Com ele, trago na memória do coração, o rosto e a vida de fé e luta de centenas de mulheres que, nas cirandas de resistência, no chão sagrado de suas comunidades, vão rompendo o silêncio e quebrando as barreiras dos espaços a elas definidos e restritos pelos padrões patriarcais, afirmando que: *lugar de mulher é onde ela quiser*.

Neste mês de celebração das lutas e conquistas das mulheres em todo o mundo, devido à data histórica do dia 08 de março, dia internacional da mulher, convido vocês a refletir sobre a necessidade de tornar as *CEBs um espaço de feminismo comunitário.*

Muito se tem falado sobre a presença majoritária das mulheres na igreja e particularmente nas CEBs, destacando a importância de seu papel na realização dos diversos serviços, assumindo lideranças. Sem as mulheres, as comunidades, a igreja, não seriam o que é.  Sem dúvida, as CEBs são espaços de sociabilidade, convivência, oração e reflexão de fé e vida. Constituíram historicamente lugar de participação e emancipação das mulheres nos âmbitos eclesiais, sociais e políticos.

Nas CEBs muitas mulheres se reconheceram como pessoas de valor, se tornaram críticas das situações de desigualdades, pobreza, violência e opressão causadas pelo sistema capitalista, tornando-se também protagonistas e militantes das causas sociais em espaços diversificados. Em meio a resistências e conflitos, uma parcela delas tomou também consciência das opressões e desigualdades de gênero presentes em seus lares, na igreja e na sociedade, e se engajaram nos grupos e movimentos de mulheres.

Alguns documentos e discursos oficiais das igrejas expressam rejeição às violências e discriminações contra as mulheres e um esforço de valorização de seu papel nas igrejas e na sociedade. Entretanto, a experiência tem mostrado que as CEBs e as Igrejas em seu conjunto têm sido tímidas em adentrar na reflexão e no enfrentamento do sistema patriarcal sexista e misógino que sustenta as opressões, violências e dominações de gênero que recaem sobre as mulheres.

Há no interior da maioria dos espaços eclesiais um rechaço, um certo medo, da expressão *feminista*. Certamente por que ela carrega em si a força de reunir e unir as mulheres e colocá-las em processos de transformação e empoderamento, protagonistas de sua vida, seu corpo e sua história. E torna as mulheres capazes de denunciar o machismo muitas vezes ocultado nos discursos sociorreligiosos e nos espaços comunitários, reificando os papéis e estereótipos das mulheres como “recatada e do lar”, “dóceis e religiosas por natureza”, “ótimas executoras”.  Mesmo diante destas *resistências-desafios*, as CEBs são ou podem vir a ser *espaços de feminismo comunitário.*

O *feminismo comunitário* é um movimento originário da Bolívia na década de 90, pelas mulheres indígenas do povo Aymara, liderado pela ativista *Julieta Paredes Carvajal*, e tem se ramificado por vários países da América Latina. Trata-se de um movimento das mulheres que carregam nas veias o desejo de mudança a partir do cotidiano de seus territórios: o corpo, a comunidade, a sociedade o planeta. Um movimento focado na construção e defesa dos direitos coletivos e não individuais, a partir da comunidade, da identidade das mulheres. Movimento  sociopolítico  de luta, com prática descolonizadora, anticapitalista e antipatriarcal.

Nas CEBs, podemos falar da existência ou da necessidade de um *feminismo de base* protagonizado por mulheres cristãs que rompem o silêncio e lutam por sua libertação em comunidade, e a partir delas se engajam nos movimentos feministas. As mulheres chegam às comunidades tímidas, estigmatizadas e passivas por sua identidade de gênero e condição social, cultural, racial. Em processo, numa convivência coletiva de partilha de vida, troca de saberes, reflexões e práticas de solidariedade umas com as outras, vão se compreendendo e valorizando como mulher, rompendo os silenciamentos e ocupando espaços.

Nesta dinâmica, as CEBs constituem importantes canais de formação, organização e luta de mulheres e homens contra o machismo, o racismo, as múltiplas violências e toda forma de dominação e opressão: tanto do capitalismo, que transforma as mulheres em mercadoria, quanto do patriarcalismo, que insiste em querer mantê-las sob o jugo do senhorio masculino nos espaços familiares, eclesiais, sociais e políticos. Para isso faz-se cada vez mais necessário avançar na compreensão, envolvimento e compromisso de tornar possível a utopia das CEBs como espaço de *feminismo comunitário* no qual a vida e as pautas de lutas das mulheres importam.  Eu acredito que esta é uma utopia possível, e você?

\* Este texto não reflete, necessariamente, a opinião do Portal das CEBs

<https://portaldascebs.org.br/>

